

Relatório

FÓRUM-DEBATE

INVESTIGAÇÃO DOCÊNCIA E FORMAÇÃO:

QUE DESAFIOS PARA AS UNIVERSIDADES E CENTROS DE INVESTIGAÇÃO?

Data e local

3 de julho de 2019,
14:30-17:30

Centro de Estudos
Sociais da Universidade
de Coimbra (CES-UC),
Sala 1

Organização

Sindicato Nacional do
Ensino Superior
(SNESUP)

Comité local

Ana Teixeira de Melo,
Claudia Pato Carvalho,
Raquel Ribeiro e
Tiago Castela (CES)

Oradores/as convidados/as

António Sousa Ribeiro
(CES), Luís Almeida
(CNC-UC), Ruben
Heleno (CEF), Teresa
Summavielle (I3S-UP)
e Marisa Matias
(Eurodeputada)

Moderação

Ana Cordeiro Santos
(CES), Ana Santos
Carvalho (CNC),
Maria Ribeiro
(Faculdade de Medicina)
e Rita Campos (CES)

Resumo

O Fórum-Debate “Investigação, docência e formação” realizou-se na Universidade de Coimbra a 3 de Julho de 2019. Iniciou-se com 5 “ignite talks” por parte de investigadores/as de universidades portuguesas, incluindo colegas em posições de direção do CES e do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC), os 2 Laboratórios Associados da UC. Nestas intervenções, foram abordadas questões como a falta de remuneração do exercício da docência a investigadores/as, as limitações do enquadramento estatutário (ECIC e ECDU), a necessidade da criação *de facto* de uma carreira de investigação e da sua integração plena por parte das universidades, assim como os desafios colocados à investigação fundamental pela política científica da União Europeia.

De seguida, realizaram-se rondas de debate em 4 grupos, adaptando-se o método do “World Café”. Cada mesa procurou responder

a cada uma das seguintes questões: 1. Quais as possíveis articulações entre investigação e docência?; 2. Quais os desafios da formação para a docência e para a investigação?; 3. Investigação, pedagogia e docência: que possibilidades?; 4. Qual o papel da investigação e da docência na relação com a sociedade civil?

Do debate ficou clara a necessidade de uma maior articulação, maior diálogo e inter-conhecimento entre investigação, docência e sociedade civil e da importância da formação para a docência, para a investigação e para a comunicação de ciência, tendo emergido algumas sugestões de como atingir essa maior interconexão.

Em tom de balanço global do encontro destaca-se a relevância e utilidade da partilha e do debate, e da necessidade de mais momentos e mais tempo para a discussão e aprofundamento de propostas concretas.

Citação recomendada:

Melo, A. T., Carvalho, C. P., Ribeiro, R. & Castela, T. (2019). *Relatório: Fórum-Debate Investigação, docência e formação, que desafios para as universidades e centros de investigação?* Coimbra: SNESUP.

ÍNDICE

3	1. Apresentação do Fórum-Debate
4	2. Participantes
5	3. Metodologia
9	4. Resultados
16	5. Avaliação por participantes do encontro

1. Apresentação do Fórum-Debate

No seguimento do debate “O Lugar das/os Investigadoras/es na Universidade de Coimbra”, organizado pelo Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESUP) e que teve lugar no CES a 6 de fevereiro de 2019, procuramos dar continuidade à reflexão num segundo encontro abordando o futuro da articulação entre investigação e docência enquanto desafio central enfrentado pelas instituições de Ensino Superior e Ciência em Portugal.

Em formato de Fórum-Debate, o segundo encontro, realizado a 3 de julho com a colaboração de um comité organizador local de investigadores e investigadoras do CES na sua preparação e facilitação, pretendeu suscitar a reflexão em torno de quatro questões fundamentais:

1. Quais as possíveis articulações entre investigação e docência?
2. Quais os desafios da formação para a docência e para a investigação?
3. Investigação, pedagogia e docência: que possibilidades?
4. Qual o papel da investigação e da docência na relação com a sociedade civil?

2. Participantes

O evento registou um total de 28 participantes, incluindo 5 oradores/as convidados, 4 elementos do comité de organização e 4 anfitriãs de mesa. Participaram investigadores/as e docentes de várias áreas e centros de investigação portugueses (filiados/as ou não do SNESUP) e também colegas que exercem esta profissão em outros países que trouxeram experiências e opiniões de outras realidades para discussão.

3. Metodologia

O Fórum-Debate iniciou-se às 14:30 e teve uma duração de 180 minutos, tendo lugar na sala 1 de seminários do CES, organizado em três momentos:

1. Painel de “Ignite Talks”;
2. Rondas de debate em pequenos grupos;
3. Debate final em grande grupo.

A estes momentos precedeu uma introdução e acolhimento pelo Presidente do SNESUP, Gonçalo Leite Velho. Entre outras questões, na sua breve introdução Gonçalo Leite Velho mencionou a necessidade de se reconsiderar no sistema de ciência, tecnologia e ensino superior a forma das associações de direito privado para centros de investigação de universidades públicas, tendo em conta precisamente as implicações indesejáveis para as relações entre investigação e docência.

PAINEL DE “IGNITE TALKS”

Um conjunto de oradores e oradoras foi convidado a elaborar uma comunicação breve, num formato de “Ignite Talk”, com uma duração aproximada de 5 minutos em torno das quatro questões centrais do evento, nomeadamente:

1. Quais as possíveis articulações entre investigação e docência?
2. Quais os desafios da formação para a docência e para a investigação?
3. Investigação, pedagogia e docência: que possibilidades?
4. Qual o papel da investigação e da docência na relação com a sociedade civil?

Cada orador/a foi convidado/a a organizar a comunicação de modo a alimentar o debate apresentando tópicos que pudessem ser integrados na discussão. A constituição do painel foi a seguinte:

António Sousa Ribeiro, investigador e diretor do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra;

Luís Almeida, investigador e elemento da Direção do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) da Universidade de Coimbra;

Ruben Heleno, investigador do Centro de Ecologia Funcional (CEF) da Universidade de Coimbra;

Teresa Summavielle, investigadora do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (I3S) da Universidade do Porto e membro da Direção do SNESUP;

Marisa Matias, Eurodeputada.

Rondas de debate



RONDAS DE DEBATE EM PEQUENOS GRUPOS

Um segundo momento do encontro compreendeu um conjunto de rondas de debate em pequenos grupos. Este momento foi organizado a partir de uma adaptação da metodologia do “World Café”.* Criou-se um ambiente informal na sala, em torno de quatro mesas com cadeiras em redor, disponibilizando-se, quer nas mesmas, quer num balcão de apoio, comida (acepipes) e bebidas, que estiveram acessíveis durante todo o evento. Cada mesa foi assinalada com um Número e uma Cor à qual correspondia uma questão de debate.

Os/as participantes receberam, no início da sessão, um roteiro que marcava a sua ordem de participação nos debates das diferentes mesas, que foi organizado de modo a introduzir alguma não-linearidade no debate, ou seja, possibilitando a constituição de um grupo diferente em cada mesa. Simultaneamente, receberam uma folha com o protocolo para a sua participação (“regras de etiqueta”). As mesas encontravam-se forradas com papel de cenário podendo ser usadas para o registo de ideias. Em cada mesa, estavam disponíveis materiais diversos (papel adesivo colorido, folhas, marcadores de cores, folhas de papel coloridas, cordéis, quadros de cortiça, alfinetes de papel e plasticina) que os/as participantes foram convidados a usar com o objetivo de iniciar movimentos exploratórios de ideias, ensaiando-as, conectando-as e expressando-as através de vários meios.

Previamente à sessão, foram endereçados convites para a função de “anfitriã de mesa”, cuja tarefa consistiu em moderar o debate nas mesas, receber cada grupo, informar sobre o resultado da discussão do grupo anterior e incentivar um diálogo colaborativo e criativo. As questões para o debate, o roteiro e protocolo bem como a uma lista com orientações gerais para o desempenho do papel de moderação foram enviadas por correio electrónico, tendo havido apenas lugar a uma breve troca de ideias e esclarecimentos sobre a função poucos minutos antes do início da sessão. A cada mesa correspondeu o seguinte conjunto de questões:

Mesa 1: Quais as possíveis articulações entre a investigação e docência/formação? Que (diferentes) modelos de relação entre a investigação e docência/formação podem ser pensados/criados?

Mesa 2: Quais os desafios da formação para a docência e para a investigação? A docência (orientada) para a investigação (formação de investigadores) e a investigação (orientada) para a docência (formação para a docência).

Mesa 3: Investigação, pedagogia e docência: que possibilidades? Investigação, pedagogia e docência: os contextos de investigação como processo de formação dos estudantes? Que (enquadramentos, contextos, preparação, objetivos) formação para os estudantes no contexto da investigação e do exercício da docência?

Mesa 4: Qual o papel da investigação e da docência/formação na relação com a sociedade civil? Que (outros) lugares e modelos (dentro e fora das universidades) para a produção e disseminação de conhecimento? Que (modelos de) relações entre a investigação e docência na relação com a sociedade civil? Que relações entre as universidades e a cidade (as pessoas, os espaços)?

Antes da primeira ronda de debate elementos do comité de organização local facilitadores do encontro explicaram o objetivo da sessão e convidaram os e as participantes a olhar para as questões a partir de novas perspetivas, a ensaiarem ideias novas usando os materiais disponíveis para estimular a criatividade e promover movimentos de co-construção, em torno, ou a partir das ideias dos/as outros, procurando identificar padrões emergentes, ou ideias e perspetivas inovadoras.

O debate desenvolveu-se em rondas de aproximadamente 20 minutos ao fim das quais uma sineta deu sinal aos participantes para trocarem de mesa, para a mesa seguinte no seu roteiro. Ao fim de 10 minutos era dada indicação aos grupos para procurarem sintetizar e materializar ideias antes de avançarem para uma nova mesa. O procedimento repetiu-se por quatro rondas.

* J. Brown, D. Isaacs e World Café Community. 2005. *The World Café: Shaping Our Futures Through Conversations That Matter*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.

DEBATE FINAL EM GRANDE GRUPO

No final das 4 rondas cada anfitriã fez um resumo das ideias abordadas nas suas mesas utilizando alguns dos materiais produzidos pelos grupos para ilustrar as ideias abordadas. As ideias apresentadas foram sintetizadas pelas facilitadoras do encontro num painel de papel na parede alocado a cada questão. No final, e dado que o tempo de discussão final apresentou-se limitado, os e as participantes foram convidados a pronunciarem-se sobre:

Uma ideia que gostassem de continuar a discutir;

Uma ideia inovadora que tenha resultado do debate e que considerassem merecer atenção.

A sessão terminou discutindo-se o interesse na formação de grupos colaborativos de trabalho para constituição de um ciclo de eventos dedicado a abordar as questões levantadas. Foi pedido a cada participante que à saída deixasse as suas avaliações e comentários sobre a sessão numa caixa destinada ao efeito.

4. Resultados

4.1 PAINEL DE *IGNITE TALKS*

Teresa Summavielle foi a primeira oradora. Mencionou os perigos do que designou como “utopia da meritocracia”, e em particular o tratamento de investigadores/as como “docentes de segunda”. Deu como exemplo o protocolo do I3S com a Universidade do Porto, que prevê o pagamento do exercício docente segundo um valor muito abaixo do devido.* Falou ainda da urgência de sanar a desconfiança mútua entre investigadores/as e docentes.

Luís Almeida falou de seguida. A sua intervenção concentrou-se na disfuncionalidade do atual sistema de contratação e financiamento da investigação, sugerindo que seria necessário um enquadramento estatutário que permitisse maior flexibilidade em termos do aproveitamento por parte das universidades do quadro de pessoal de docentes e de investigadores/as ao longo das suas carreiras. Apresentou perfis caricaturizados exemplificando diferentes situações de desequilíbrio entre o ensino e a investigação

Ruben Heleno foi o terceiro orador. Começou por afirmar que é fundamental aumentar a previsibilidade das políticas orientadoras do sistema científico, e assim contribuir para a sua credibilização e para a estabilidade dos/as investigadores/as. Por exemplo, é crucial que os concursos de bolsas, contratos e projetos da FCT sejam previsíveis no tempo, o que requer um acordo alargado e entre as várias forças políticas. Declarou ainda que há espaço para as carreiras de investigação e de docência, mas que esta última deve permitir perfis diferenciados que possibilitem e recompensem efetivamente os/as docentes com grupos de investigação.

De seguida falou António Sousa Ribeiro, que concordou com a necessidade da estabilidade e previsibilidade de processos, especialmente em relação às carreiras científicas. Recordou que as universidades portuguesas têm pouco mais de 30 anos de apoio à investigação, notando que as universidades ainda não assimilaram esta realidade. Sugeriu que a questão central seria como transformar as universidades.

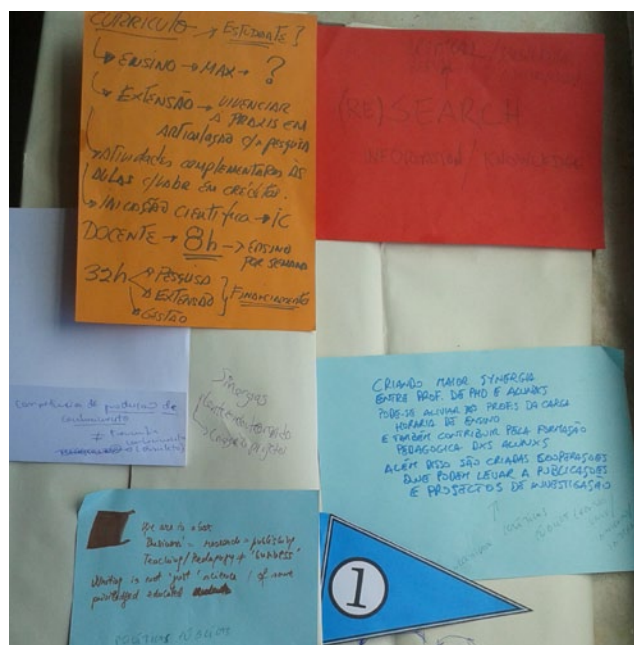
Marisa Matias fez a última intervenção, através de um pequeno filme, relatando os debates no Parlamento Europeu sobre o “Horizonte Europa” (o plano de apoio à investigação para 2021-2027). Concentrou-se na luta contra a marginalização das ciências sociais e humanidades no quadro deste mecanismo.

4.2 RESULTADOS DAS RONDAS DE DEBATE

Nesta secção sintetiza-se o processo e as ideias principais emergentes da discussão das diferentes mesas. Por impossibilidade de agenda que levou à ausência de investigadores/as interessados/as, partilhamos no início desta secção algumas preocupações que nos foram transmitidas e cujos contributos foram partilhados no evento e abertos à discussão

O acesso à docência tornou-se um privilégio. Há pouca articulação entre investigação, nas especializações e competências de cada um e cada uma, e docência, nomeadamente nos doutoramentos. Há um “desperdício de experiência”. Os e as estudantes de doutoramento do CES e de outros programas de doutoramento da UC deveriam “ter acesso” a investigadores e investigadoras contratados e poder escolher orientação e co-orientação. Seria de extrema relevância a integração de investigadores/as do CES nos programas de docência da UC, já que Coimbra ficou fora do Consórcio Europeu de Universidades e, portanto, não vai beneficiar da circulação Europeia. A exclusão da docência será nociva para as carreiras dos investigadores e investigadoras.

* Nota do comité local: é importante referir que na Universidade de Coimbra, o atual protocolo da universidade com o CES e o CNC interdita o pagamento do exercício docente de investigadores/as por parte da UC, a não ser que estes se excluam individualmente do protocolo, ficando impossibilitados de participarem em defesas de estudantes que orientam.



Mesa 1 Moderação: Ana Cordeiro Santos

Quais as possíveis articulações entre a investigação e docência/formação?

Que (diferentes) modelos de relação entre a investigação e docência/formação podem ser pensados/criados?

Investigação e ensino são processos desconectados e funcionam normalmente em isolamento mútuo. Este grupo defendeu um modelo em que a investigação, docência e sociedade civil pudessem estar em diálogo e inter-conhecimento mútuo. Na sua generalidade, o ensino promove práticas obsoletas, devendo estar mais articulado com investigação, concretizando as suas práticas e estimulando o questionamento, a procura e a formação do pensamento crítico. Para concretizar este propósito é necessário repensar os modelos de aprendizagem e também os modelos de ensino. Modelo de sala de aula não deve ser o único já que os e as estudantes passam muito tempo neste contexto. Pelo contrário, mais tempo deve ser inserido em atividades de investigação e extensão.

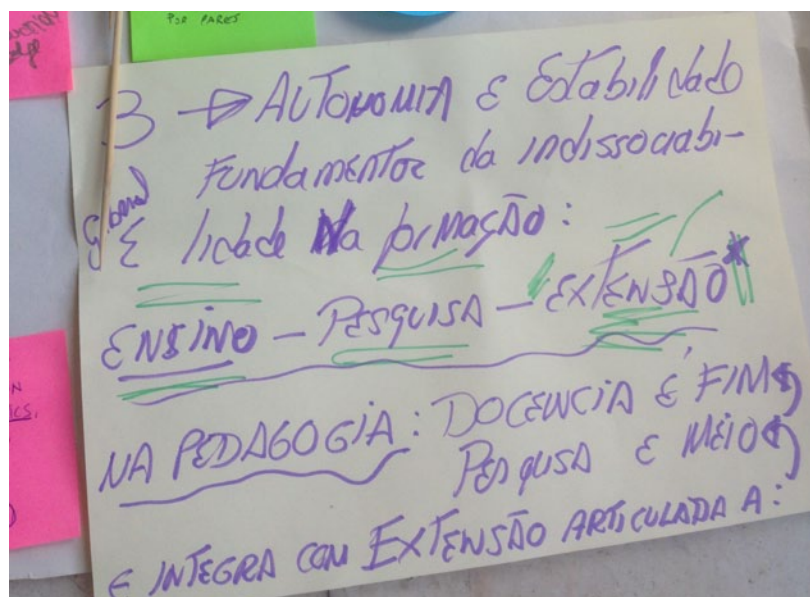
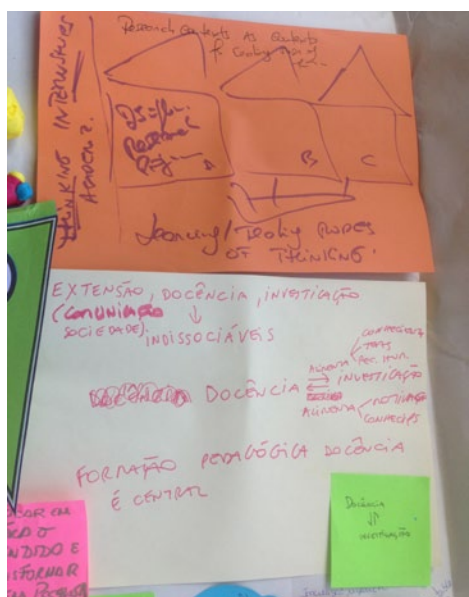
Os processos de investigação devem iniciar-se ao nível da licenciatura (criação de um processo estruturado de iniciação à investigação científica com atividades paralelas às aulas com valor em créditos). É desta forma desejável que os e as estudantes tomem contacto com um conjunto de aprendizagens ligadas à redação de artigos científicos, estruturação de monografias, entre outros. Deve também ser estimulada a sua integração no próprio processo de investigação (projetos em curso). Esta necessidade advém da realização por parte dos e das participantes deste grupo de que as competências necessárias aos processos de produção de conhecimento são diferenciadas das associadas aos processos de transmissão de conhecimento. Foi também sugerida a inclusão nos “outputs” obrigatórios da docência/investigação, de atividades de projetos que estimulem a interação com estudantes. Ou seja, os próprios projetos de investigação devem incluir uma componente associada à docência. A criação de maior sinergia entre investigadores/orientadores de doutoramento e estudantes pode aliviar docentes da carga horária de ensino e assim também contribuir para a formação pedagógica de estudantes, contextualizada em ambiente de investigação. O grupo considerou que os/as investigadores/as devem ter formação para lecionar, devendo esse processo ter início durante o programa de doutoramento, fomentando assim a sua maior intervenção no ensino.* Estas dinâmicas são potenciadoras da criação de colaborações que podem originar publicações e projetos de investigação conjuntos entre estudantes e docentes/investigadores. Foi proposto que não fossem alocadas mais do que 8 horas de ensino por semana a docentes, sendo o restante horário de trabalho dedicado ao trabalho de investigação e extensão universitária.

* Nota do comité local: como é evidente, a mesma formação deve existir para os/as colegas da carreira docente.

e diversificação de currículos e sua integração, promoção de uma prática de conhecimento mais interativo (“hands on”), existência de uma formação de base para promover uma pedagogia aplicada desde início, criação de ferramentas pedagógicas e desenvolvimento de “soft skills” e de pensamento crítico. Deve ser também promovida a criação de investigadores/as-docentes e não a existência de dois grupos distintos. O objetivo seria articular as atividades de ambos, fomentando a existência de processos de investigação na docência e organizando a existência de disciplinas que estivessem mais ligadas a áreas específicas de investigação. Desta forma, seria possível dar exemplos e estar em contacto com a prática numa ligação mais direta com os e as estudantes, potenciais investigadores.

Desta forma, os currículos profissionais nas universidades seriam baseados na investigação, na extensão e na docência (colocar em prática e avaliar o aprendido em sala de aula com investigação associada). Por outro lado, é relevada a necessidade da existência de um plano de carreira, associado a um sistema de avaliação regular, a um salário digno, valorizando sempre a autonomia e a estabilidade profissionais.

Outros contributos concretos deste grupo relacionam-se com a necessidade de aulas assistidas (por docentes para docentes-investigadores/as), a criação de ofertas de formação em pedagogia para docentes-investigadores/as e de formações “ampliadas” (não resumidas às dicotomias e à formação por especialistas), a formação contínua em inovação pedagógica para estudantes de doutoramento, a inclusão de atividades de docência nos projetos de investigação (Estágios, Mestrados, Doutoramentos) e a criação estruturada de estratégias de formação em comunicação de ciência.



Mesa 3 Moderação: Maria Ribeiro

Investigação, pedagogia e docência: que possibilidades? Investigação, pedagogia e docência: os contextos de investigação como processo de formação dos estudantes? Que (enquadramentos, contextos, preparação, objetivos) formação para os estudantes no contexto da investigação e do exercício da docência?

Partindo da ideia de que a docência alimenta a investigação (motivação, conhecimento) e a investigação alimenta a docência (conhecimento, temas, recursos humanos), sendo, na pedagogia, a docência o “fim” e a pesquisa o “meio”, foi considerada também a indissociabilidade da extensão articulada, i.e., da comunicação com a sociedade. Esta ligação íntima entre docência, sociedade civil e investigação é simbolizada através de uma “ponte” ou “todos debaixo do mesmo chapéu”. Contudo o processo que os une não é ainda claro.

Na formação de estudantes foi salientada a necessidade de formar na investigação, incentivar o espírito crítico. Foram levantadas diversas questões sobre a atual forma de avaliação: Será que a avaliação que está a ser feita neste momento funciona? Como se avalia a qualidade

das aulas? Como podemos melhorar este processo? Propôs-se a institucionalização da ideia de uma avaliação construtiva, i.e., do feedback avaliativo ser potenciador de melhoria quer para a docência quer para a investigação, nomeadamente de melhorar a qualidade da relação entre a academia, a investigação e a sociedade civil.

Foi referida a centralidade da formação pedagógica para a docência, a necessidade de mais formação contínua (formação ao longo da vida), nomeadamente para a docência, para a supervisão, e para a gestão de grupos de investigação, equipas e laboratórios.

Como forma de se constituir um sistema sustentável entre investigação e docência foi proposto que todos os/as investigadores deveriam dar aulas num sistema flexível de carga horária entre tempo de docência e tempo de investigação (se todos e todas derem aulas a carga horária diminui; à medida que aumenta a carga horária num domínio diminui no outro). A sustentabilidade é potenciada por uma maior autonomia e estabilidade na instituição, fundamento da indissociabilidade: ensino – pesquisa – extensão. Foi ainda levantada a questão do financiamento da investigação e como este define a investigação e não o contrário.



Mesa 4 Moderação: Rita Campos

Qual o papel da investigação e da docência/formação na relação com a sociedade civil? Que (outros) lugares e modelos (dentro e fora das universidades) para a produção e disseminação de conhecimento? Que (modelos de) relações entre a investigação e docência na relação com a sociedade civil? Que relações entre as universidades e a cidade (as pessoas, os espaços)?

Na resposta à questão 4 foi salientada a necessidade de fortalecer e repensar os conceitos de extensão/comunicação dando resposta a diferentes questões.

Como enfrentar a complexidade da questão da relação entre investigação e sociedade civil, e os diferentes conceitos que estão incluídos nesta relação, nomeadamente a sociedade civil encarada como um todo ou enquanto constituída por grupos organizados?

Como estabelecer relações entre o público e o privado? Não só para melhorar os canais de comunicação entre a academia e a sociedade – e melhorar a posição da academia na sociedade – mas também para atrair financiamento privado em complemento com o financiamento público, à semelhança do que existe no Reino Unido e nos Estados Unidos. Foi referido que o financiamento privado pela sociedade civil que está a ser promovido por instituições de financiamento público (ex. FCT) não deve ser feito em substituição de financiamento público, mas exige mais disseminação e consciencialização de setores da sociedade civil. O Estado e a universidade deve garantir a investigação em áreas que não são prioritárias para o mercado, a universidade deve relacionar-se com todas as camadas sociais e não só com o mercado por meio de formação, investigação e extensão. Com efeito, o financiamento privado pode conduzir a um direcionamento da investigação de acordo com os interesses das instituições financiadoras – à privatização da investigação.

Como comunicar com a sociedade? A comunicação é fundamental, quer na relação com a sociedade civil quer na docência e formação. Há pouca presença de investigadores/as nos diferentes canais de comunicação social e muitas vezes quando aparecem não comunicam da melhor forma (linguagem técnica, desfasamento de interesses, postura arrogante).

Como capacitar os/as investigadores/as para melhor comunicar com a sociedade? Foi referida a dificuldade em definir o conceito de comunicação de ciência (ainda se pensa muito no modelo tradicional unidirecional – da ciência para a sociedade). Por oposição ao modelo fechado isolado caricatural, propôs-se um modelo aberto de comunicação, através de canais que já estão identificados e podem ser usados (partilha de reflexões, fóruns, exposições, “newsletters”, acesso aberto...).

A ponte entre a academia e a sociedade civil está em construção, mas ainda não está fechada – há ainda diversas perturbações: tempo de investigação diferente do tempo da sociedade; interesses divergentes; incapacidade de aceitar a ingerência da sociedade nos interesses de investigação, etc.

Como responder de forma mais eficaz às necessidades, expectativas e motivações da sociedade e dos grupos que a compõem? A disseminação e comunicação da ciência é importante, mas o papel da sociedade civil deve ser também ativo na co-produção do conhecimento. As políticas públicas devem promover a inclusão da sociedade civil como interveniente na co-produção do conhecimento, nomeadamente através da utilização de metodologias colaborativas, bem como no processo de “revisão”. A investigação não pode limitar-se a alimentar o *Curriculum Vitae* dos/as investigadores/as, mas deve estar também focada na utilização de resultados.



4.3 DESTAQUES DO COMITÉ LOCAL

Em suma, relativamente às propostas de transformação concreta que emergiram das rondas de debate podem identificar-se as seguintes:

Definir um limite de horas de docência inferior ao atual para a carreira docente, aumentando o exercício da docência por parte de investigadores/as e de doutorandos/as;

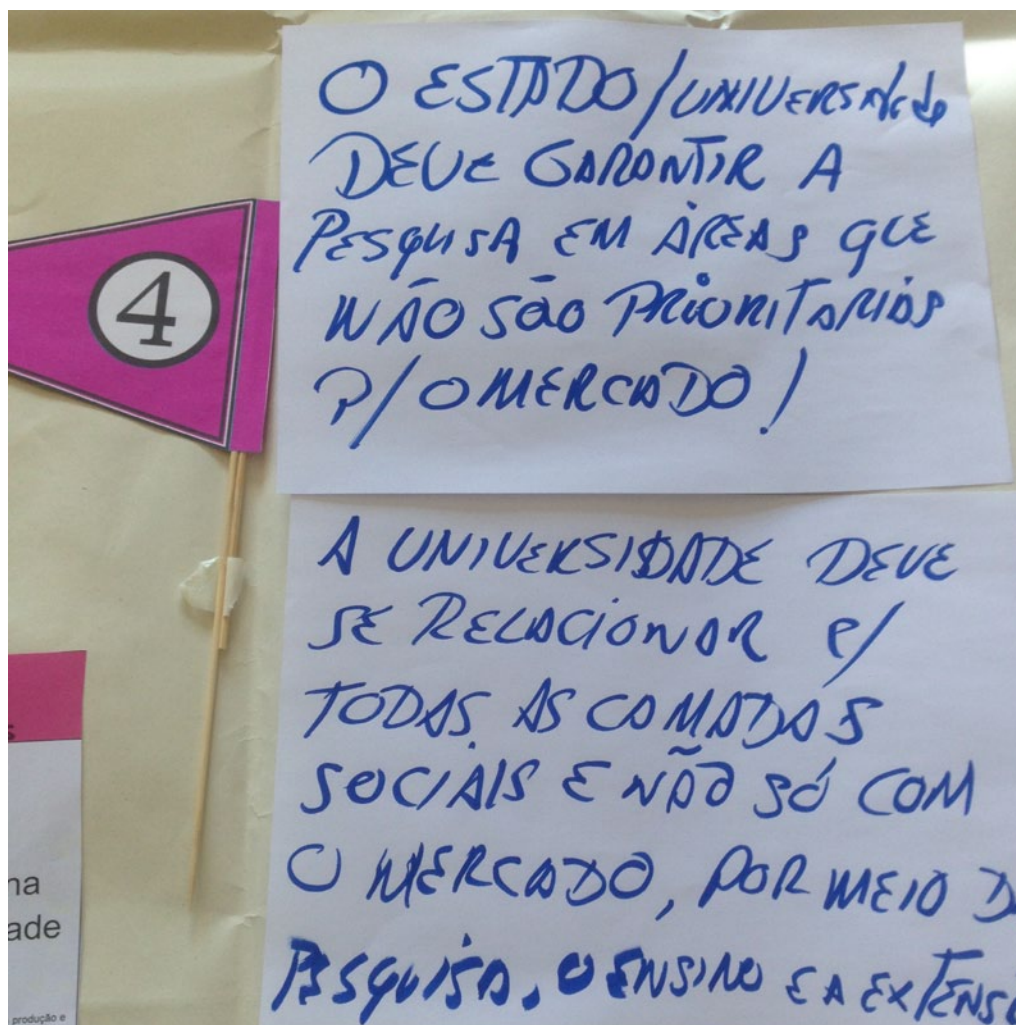
Introduzir formação específica para a pedagogia para docentes e investigadores/as, tanto através de unidades curriculares no quadro dos programas doutorais como ao longo da carreira;

Introduzir formação específica para a comunicação de ciência ao aparelho estatal e à cidadania.

4.4 RESULTADOS DO DEBATE FINAL

Ideias que vale a pena continuar a discutir:

- Melhorar a formação pedagógica e de comunicação de investigadores/as e de docentes também na orientação e gestão de equipas e saber como tirar consequências práticas da avaliação;
- Académicos necessitam de aprender teorias de currículo para saber lidar com a docência e assumir que a ciência é uma prática social que exige prática política, esta pode conduzir a uma maior independência do mercado;
- Co-produção do conhecimento é a única forma de escapar à pressão do mercado e do financiamento, conduz à complexidade da produção do conhecimento;
- Pensar o alternar entre a docência e a investigação e a definição de critérios de alternância de papéis e complexificação dos perfis;
- Valor e aplicação prática do conhecimento (O quê? Para quem? Como?). Investigadores/as e docentes são uma “elite” no mundo “real”. Para quem fazemos investigação e por que fazemos? Como esse conhecimento chega à sociedade civil? Estamos a educar estudantes para quê?
- Diferentes valores do conhecimento, necessidade de uma universidade mais democrática e mais disposta a ouvir, diversidade de valores vs. hierarquia de valores e a necessidade de um diálogo horizontal.



5. Avaliação por participantes do encontro

Foi solicitado às pessoas participantes que, no final da sua participação, deixassem alguns comentários escritos sobre as suas reações e avaliação da sessão. Apenas cinco participantes deixaram reações escritas, para o que poderá ter contribuído o adiantado da hora, o facto de alguns dos e das participantes terem tido necessidade de sair antes do fecho da sessão e de não ter estado nenhum elemento da equipa facilitadora à saída a relembrar o uso dos papéis e caixa para o efeito disponibilizados no átrio do local do evento. Apesar das vulnerabilidades identificadas que em nosso ver se devem ao ambicioso número e formulação das questões face ao tempo disponível, na generalidade, as avaliações comentaram de forma positiva o evento, apontando os seguintes como aspetos de vulnerabilidade e força:

Vulnerabilidades

- O tempo de discussão foi considerado limitado e curto face a uma reflexão mais aprofundada e mais complexa dos assuntos abordados;
- Foi mencionada alguma dispersão e redundância nas rondas de debate, resultado da apresentação sequencial das opiniões de cada participante nas mesas, tornando-se um fator limitador dado o tempo disponível, e a necessidade de uma moderação mais focalizada.

Forças

- Foi atribuído valor à iniciativa e à organização;
- O modelo de dinamização usado foi considerado globalmente “interessante” e positivo;
- O convívio e discussão promovidas foram consideradas como forças e a participação avaliada como muito satisfatória;
- Foi dado incentivo à continuidade de debate num ciclo de debates.

Coimbra, 15 de Outubro de 2019



**Sindicato
Nacional
do Ensino
Superior**